

LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita Pacheco (orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*. São Paulo: Contexto, 206 páginas, 2015.

Resenhado por Rubens Lacerda de Sá <sup>1</sup>

(Universidade Federal de Lavras)

Esta coletânea oferece uma notável contribuição para os estudiosos cujos interesses de pesquisa envolvem apreender e analisar os gritos das minorias ofuscadas, inviabilizadas e até mesmo apagadas pelo(s) discurso(s) dominante(s) que circula(m) na sociedade. Busca, assim, romper o silêncio que, via de regra, impõe-se ao outro – o excluído, o segregado.

Abre-se a coletânea um texto lavrado por Patrick Charaudeau, *Identidade linguística, identidade cultural: uma relação paradoxal*, que propõe uma reflexão sobre conceitos de construção identitária, imaginários socioculturais, hibridização, homogeneização, representações (sociais) e territorialização da identidade linguística/cultural. O referido autor alerta para nossa tendência de ver a nós mesmos como seres singulares e, portanto, sempre diferente dos outros, como aquele que se recusa a se confundir com um dado grupo, a pensar como aquele e a desaparecer na massa de um pensamento coletivo, embora “[façamos] parte de uma *mise en scène* social no interior da qual agimos e pensamos” (p. 14-15).

Em seguida, o leitor é levado a mergulhar e refletir sobre o tema do racismo. *Discurso das elites e racismo institucional* é assinado por Cabe a Teun A. van Dijk, para quem o racismo pode ser considerado “essencialmente um sistema de dominação e desigualdade social [...] representado por práticas sociais: discriminação, marginalização, exclusão ou problematização; e, [práticas] cognitivas diárias: crenças, atitudes e ideologias preconceituosas e estereotipadas” (p. 33). O autor pondera a existência de duas formas de racismo: o popular e o de elite. Argumenta o autor com base em eventos discursivos, baseados em modelos mentais e representações partilhadas socialmente, o que nos ajuda a compreender como as desigualdades étnicas e raciais são reproduzidas em textos institucionais: político, midiático, escolar, dentre outros. Va Dijk aborda o caso dos que imigram para a Europa e faz um alerta, ao sugerir que se não houver ações em oposição a tais discursos, sobretudo, aos das elites, “os horrores do conflito étnico e racial e mesmo do extermínio que definiram o século XX estão fadados à repetição” (p. 47).

---

<sup>1</sup> Professor Assistente do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Doutorando em Linguística Aplicada (UNICAMP), Mestre em Linguística (UnB), Especialista no Ensino de Língua Estrangeira para Fins Específicos (UFMT)

Para Sírio Possenti, Foucault contribui para os analistas do discurso ao articular o surgimento e a circulação de enunciados na sociedade com a História. No capítulo *Durações históricas e sua relação com público e privado*, Possenti mostra-nos que os discursos perpassam diferentes momentos históricos. Cita Foucault quando este diz que “[...] por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias quase imóveis ao olhar” (p.53). Centra-se, assim, na atemporalidade do discurso privado em contraposição ao público, mas conclui que “a relação entre discurso e história é mais complexa do que usualmente estabelecida, pois não é linear” (p. 59).

*Intolerância, preconceito e exclusão* é o título do capítulo de Diana Pessoa de Barros que revisita as reflexões de E. Landowski sobre o caráter metalinguístico do termo exclusão. Didaticamente faz uma distinção entre os conceitos de exclusão, assimilação, segregação e agregação. Aborda, dentre outras questões, a aspectualização que marca os discursos intolerantes, relacionados a oposição semântica entre igualdade e diferença, identidade e alteridade. Tal aspectualização é categorizada como a animalização ou desumanização do *outro*, a anormalidade do diferente, o caráter doentio da diferença e a imoralidade ou falta de ética do *outro*. Em seguida, reflete sobre a exclusão na construção das línguas nacionais nas gramáticas, reivindicando “uma língua que nos faça ser humanidade” (p. 77).

No capítulo intitulado *A política da desigualdade no Brasil: adolescentes em situação de rua*, Denize Elena Garcia da Silva tece “um panorama histórico de situações de abandono da infância e da adolescência [na] capital federal [que] estampa um dos cenários mais lastimáveis de desigualdade social num processo de crescente pobreza e exclusão” (p. 79). A autora combina dados estatísticos, históricos e documentos legais para balizar sua(s) pesquisa(s) que se assenta(m) na ontologia do Realismo Crítico fairclougheano. Trata, pois, de “sonda(r) o papel da linguagem, em que se encontram incrustadas representações sociais que podem ser identificadas na ‘voz’ de autoridades, no discurso do poder, bem como em outras formas de semiose, responsáveis por processos de significação das condições de abandono” (p.85). Como assevera a autora, trata-se de “iniquidades sociais que permeiam a sociedade” e privam os atores vitimados do processo de cidadania por causa de “políticas públicas malogradas” (p.85-86).

No capítulo seguinte, *O poeta e o camponês: o impossível ponto de vista do dominado*, Dominique Maingueneau “aborda a dominação por meio do discurso literário” (p. 95). Alicerçado na teoria de Bourdieu analisa em um poema de Émile du Tiers, a relação entre o

poeta e o camponês sob a perspectiva da exclusão em seus diferentes níveis: da dominação cultural, do *éthos* e da composição de estereótipos. Traz à baila a hipocrisia e a impossibilidade de dar voz ao dominado já que, embora seja ele que detenha a palavra, esta se encontra a serviço de um ponto de vista enunciativa e socialmente dominante.

Na rádio France Culture vai ao ar, diariamente, o programa *Les pieds sur terre* cujo objetivo é dar voz aos desfavorecidos e marginalizados, habitualmente privados da escuta pública. Este é o cenário do instigante texto *Dar a palavra: da reportagem radiofônica à ficção documental* de Dominique Ducard para quem “dar a palavra é, então, restituir uma fala perdida ou alterada; é traduzir e expressar, o mais próximo possível do original; é, ainda, devolvê-la ao seu dono, como uma dívida, a rádio fazendo-se porta-voz e meio” (p. 111). Assim, ancorado na linguística da enunciação, que marca registros (epi)(meta)linguísticos de ajuste e modalizações, o autor analisa as histórias de vida dos locutores/enunciadores relatadas neste espaço ressignificado. Sua derradeira meta é converter-se em um tipo de porta-voz da miséria e do sofrimento dos locutores/enunciadores, ao dar a palavra aos que se encontram socialmente abandonados.

Ainda na seara dos relatos de vida, Ida Lucia Machado, em *Narrativa de vida e construção da identidade*, reflete sobre as vidas de François Villon, jovem e marginalizado poeta francês da Idade Média, e Eric SDF *Sans Domicile Fixe* marginalizado, dentre outros aspectos, pela ocultação do sobrenome, pois como morador de rua não leva uma vida normal, segundo os ditames da sociedade. Em síntese, seu texto gira em torno a análises discursivas que incidem ora no sério, ora nos toques de ironia e até no humor negro que permeia essas “duas histórias de vida feitas de perdas, esperas e lutas pela sobrevivência de dois seres marginais” (p. 136). De qualquer modo, em ambas histórias, observa-se o sentimento de uma vida sem esperanças, marcada pela segregação, pela exclusão social. À luz da teoria semiolinguística, discorre sobre o mal causado pela sociedade por meio de uma etiquetagem estigmatizante, que desvela diferentes tipos de preconceito, marcando e nomeando, a ferro e fogo, os excluídos, os dominados, os que não se ajustam, enfim, à boa moral.

Adriana Bolívar em *A afetividade no discurso populista* aborda a relação sociedade-governo que tem sido historicamente situada e marcada, em muitos países, por discursos populistas. Infelizmente, constata que tais discursos frutificam, prosperam e sobrevivem, às vezes por muito tempo, alicerçados na desinformação, na ignorância intelectual e na carência emotiva e material dos membros de tais sociedades. Em linhas gerais, a autora aborda o tema

da afetividade pelo viés linguístico-discursivo a partir de um *corpus* heterogêneo construído durante a campanha presidencial venezuelana de 2012.

Em *Mulheres e emoções em cena*, Helcira Lima trata da relação mulher/emoção, em dois filmes de Karim Aïnouz, *O céu de Suely* e *O abismo prateado*. Para a autora, os filmes seguem “narrativas flutuantes e dramas mudos do cotidiano, ausentes de linearidade nas narrativas diluídas” (p. 161). Após descrever o enredo dos filmes e entrelaçá-los, Lima mostra, com suas análises discursivas articuladas à questões antropológicas e filosóficas, as mudanças pelas quais passam as mulheres na contemporaneidade: elas se revelam, antes, por meio de suas deambulações, como sujeitos “fluidos”, misturados ao fluxo das cidades, ainda que não rompam, por completo, com os modelos patriarcais vigentes em nossa sociedade.

Carolina Borges e Maria Lúcia Rocha-Coutinho fecham a obra com o texto *Sentidos para a homossexualidade*. Nesse capítulo, ambas buscam estabelecer uma relação entre a subjetividade de homossexuais, participantes de uma pesquisa, e o(s) discurso(s) sobre eles que circula(m) no entorno social. Para tanto, ancoram-se nos conceitos de violência simbólica e de (a)normalidade, ao alertar sobre as “pré-concepções socialmente construídas [que] se transformam em expectativas normativas, estigmatizando indivíduos ou grupos diferentes” (p. 182).

Na esteira do pensamento dos autores que assinam essa obra, considero que, quando pensamos no discurso como uma prática diversa e socialmente difundida, como um modo de agir sobre os outros com o fim de os moldar e os restringir. Pode-se perceber a força que o discurso exerce nas identidades e nas relações sociais atadas em uma ciranda de construção, desconstrução e reconstrução, o que pode silenciar vozes, ou favorecer gritos e clamores do *outro* – o dominado, o excluído. Como esta obra instigante, resta-nos ouvir, através das fissuras do sistema social, o eco das vozes dos segregados ou, como sugerem as organizadoras, nas palavras de Cruz e Souza: “articular ‘as vozes veladas, veludas vozes [...] [que] vagam nos velhos vórtices velozes [...] vivas, vãs, vulcanizadas [...] tristes perfis, os mais vagos contornos, bocas murmurejantes de lamento” (p.11).

Deixo nas mãos de caros leitor o desfrutar desta obra.

Recebido em: março de 2016.

Aceito em: maio de 2016.

rubens.ladesa@gmail.com